

CAIPIRAS E SERTANEJOS: RAÇA E NACIONALIDADE EM EUCLIDES DA CUNHA E MONTEIRO LOBATO

José Wellington Souza¹

Resumo:

Pretendo analisar os usos de tipos humanos na formação de termos, como “raça nacional”, cristalizados em dois tipos literários presentes na literatura nacional, pensados como tipos humanos raciais muito caros ao imaginário do pensamento social. Para isso, tomo o *Sertanejo* de Euclides da Cunha e o *Jeca Tatu* de Monteiro Lobato. É notória a contribuição dos termos literários e biológicos elencados por Euclides, em *Os Sertões*, sobre a constituição da primeira fase da obra de Lobato, especialmente em *Urupês* e *Cidades Mortas*, na sua figura do caipira, ambos concorrentes a modelo de homem brasileiro.

Palavras chave: Nacionalidade. Sertões. Sertanejos. Caipiras. Raça.

CAIPIRAS AND SERTANEJOS: RACE AND NATIONALITY IN EUCLIDES DA CUNHA AND MONTEIRO LOBATO

Abstract:

This paper aims to review the uses of human types in the conception of certain terms, for instance “national race”, which are enshrined into two literary types in the Brazilian national literature. They are conceived as racial human types that are highly considered by the social common sense. To achieve this goal, the following are taken: *Sertanejo* by Euclides da Cunha and *Jeca Tatu* by Monteiro Lobato. By listing literary and biological terms in *Os Sertões*, Euclides’s contribution is notorious on the constitution of the image of the *caipira* during the first stage of Lobato’s work, especially in *Urupês* and *Cidades Mortas*. Both conceptions try to best portray the Brazilian man stereotype.

Keywords: Nationality. Sertões. Sertanejos. Caipiras. Race.

CAIPIRAS Y SERTANEJOS: RAZA Y NACIONALIDAD EN EUCLIDES DA CUNHA Y MONTEIRO LOBATO.

Resumen:

Mi intención es analizar los usos de tipos humanos en la conformación de términos, como “raza nacional”, cristalizados en dos tipos literarios presentes en la literatura nacional, pensados como tipos humanos raciales muy significativos para el imaginario del pensamiento social. Para ello tomo el libro *Sertanejo* de Euclides da Cunha y el personaje *Jeca Tatu* de Monteiro Lobato. Es notoria la contribución de los términos literarios y biológicos establecidos por Euclides en *Os Sertões*, para la constitución de la primera fase de la obra de Lobato, especialmente

¹ Doutor em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais na Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, Brasil E-mail: josewscso@gmail.com



en *Urupês y Cidades Mortas*, y en relación a la figura del hombre de campo, ambas aspirantes a constituirse como modelo de hombre brasileiro.

Palabras Clave: Nacionalidad. Sertões. Sertanejos. Caipiras. Raza.

1 INTRODUÇÃO

As ficções que sustentam o ideário de Estado Nacional Moderno sempre estiveram de mãos dadas com a crença em uma raça nacional, fundadora ou conquistadora, e portadora por suposto direito hereditário sobre determinado território arbitrariamente marcado e determinado como nacional, da mesma forma que determinava uma determinada raça e uma cultura que eram, ao mesmo tempo, raciais e nacionais. É o que nos apresenta Ernest Cassirer, em *O Mito do Estado* (1976), especialmente quando trata da constituição de tal mito ao longo do século XX. Neste sentido, o autor parte do culto do Herói de Carlyle, para chegar às teorias de desigualdades raciais de Gobineau e, por fim, à teoria da “Raça Totalitária” (CASSIRER, 1976, p. 207-267).

A ligação entre raça e nacionalidade também é abordada pelo historiador Leon Poliakov, em seu livro *“O Mito Ariano: Ensaio sobre as fontes do racismo e dos nacionalismos”* (1974). Buscando a gênese do mito ariano, Poliakov descreve o processo de produção das “nacionalidades” e das “raças nacionais” nos principais países da Europa Ocidental, e relata o longo processo de produção e valorização do termo raça, desde sua forma teológica, quando na Europa pré-carolíngia, o Arcebispo Isidoro de Sevilha procurou estabelecer vínculos de parentesco entre os nativos iberos da Espanha e os invasores visigodos, fazendo uso da genealogia bíblica de Noé, ligando os espanhóis à linhagem de Tubal e os visigodos à linhagem de Marog, filhos de Jafé, primogênito de Noé (POLIAKOV, 1974, p. 07), até chegar às concepções modernas do racismo científico do darwinismo social e a ligação deste com a fundação dos estados nacionais modernos.

Neste contexto, não é de se espantar que a problemática racial, ligada a questão nacional, tenha se expandido para os trópicos, especialmente para o Brasil no início do período Pós-Império quando, junto dos ideais republicanos, se importou a necessidade de estabelecer uma raça nacional. É o que afirma, em certo sentido, Thomas E. Skidmore (1976) ao demonstrar os anseios da elite brasileira, na virada do século XIX, em definir um povo para o país, preferencialmente um que não fosse negro ou mestiço, tipos tão estigmatizados pelas teorias científicas da época. Acompanhando o raciocínio de Skidmore, Lilia Moritz Schwarcz (1995) afirma que,

durante o período que se estende de 1870 a 1930, a viabilidade do Brasil enquanto estado nação moderno chegou a ser questionada no exterior e por parte considerável dos “ensaístas” brasileiros que a autora designa como, “Homens de Ciências”, ligados a “Instituições” como museus e institutos antropológicos, que relacionaram a questão nacional à “questão racial”, de acordo com critérios produzidos por teorias estrangeiras. Sob tais circunstâncias, portanto, pensar o nacional era pensar a raça e a viabilidade de se fundar nos trópicos uma nação moderna formada por cidadãos de raças mestiças. Schwarcz afirma ter sido lugar comum, entre intelectuais nacionais e estrangeiros, a afirmação de um suposto “espetáculo brasileiro da miscigenação” o qual teria feito do Brasil um *locus* privilegiado de raças em cruzamento, fenômeno que incomodava sobremaneira a elite nacional, a qual tencionava se passar por branca frente aos europeus, e que tinha na mestiçagem um grande embaraço.

Segundo Schwarcz a solução encontrada pela elite brasileira para a “questão racial” no país concretizou-se na participação de João Batista Lacerda no I Congresso Internacional das Raças, em 1911, onde o então diretor do Museu nacional apresentou a condição racial brasileira, como um problema a ser solucionado pelo processo de miscigenação e branqueamento. A autora defende que a perspectiva do “branqueamento” havia nascido entre os intelectuais brasileiros, como resposta a condenação de cientistas estrangeiros, diante da suposta inviabilidade de constituição de uma nação desenvolvida no Brasil (SCHWARCZ, 1995).

Apesar de todo dissenso acerca da definição da raça nacional e do futuro do Brasil por parte dos intelectuais brasileiros, entre o final do século XIX e início do Século XX, é possível afirmar que quase toda a discussão relacionada à raça e à nacionalidade se materializou numa zona híbrida entre literatura, sociologia e biologia, no que foi chamado vagamente de “belas-letas”, de ensaísmo ou “proto-sociologia”, conforme o ponto de vista dos comentadores.

2 BELAS-LETRAS

Não é propriamente novidade afirmar que o conjunto de práticas artístico-científicas, designadas sob o signo das “belas-letas”, ou literatura, desconheciam, entre os séculos XVIII e XIX, as fronteiras que hoje estabelecemos entre as ciências biológicas, ciências sociais e o que hoje chamamos de literatura.

A prática literária, especialmente a que se estabeleceu entre os finais do século XVIII e ao longo do século XIX, sob a forma do Realismo Moderno, foi constituída como método legítimo de descrição do real, conforme projeto de autores como Stendhal, Balzac, Flaubert e Zola, que contribuíram, conforme Wolf Lepenies (1996), para a formação de métodos inéditos de pesquisa científica, ao mesmo tempo em que eram influenciados por essas ciências, devido ao fato de estarem posicionadas em zonas interpostas entre a nascente sociologia e o biologicismo social, numa época em que as distinções metodológicas e simbólicas entre essas disciplinas ainda não estavam, de todo, definidas.

As afirmações de Lepenies sobre o caráter híbrido da literatura com as ciências Sociais e biológicas, entre os séculos XVIII e XIX, encontram endosso na obra de Erich Auerbach (1996; 2007) quando este apresenta o que considera ter sido o ponto fundamental na constituição da literatura realista ocidental, o realismo romântico ou “realismo moderno”.

Auerbach considerava o “realismo moderno” como produto secularizado de um grande processo de rompimento com a teoria literária clássica, provocado por séculos de predominância da cultura judeu-cristã no mundo ocidental, estabelecida no ocidente desde a Antiguidade Tardia. Segundo o autor, na antiguidade Greco-romana eram os gêneros literários separados em níveis hierárquicos, sendo a tragédia o estilo mais elevado, privado de qualquer elemento histórico, econômico ou popular, sendo os elementos econômicos e históricos da vida cotidiana relegados à comédia e à sátira, enquanto na cultura Judeu-cristã inexistia a separação de gêneros, e os acontecimentos sublimes se davam entre seres ordinários (pastores de ovelhas, prostitutas, pescadores e cobradores de impostos, portadores das baixezas da vida biológica e da mesquinhez da condição humana), todos subordinados ao grande drama da salvação, compartilhando assim, o que Auerbach chama de *criaturidade*, condição dignificada pela deidade encarnada em Cristo (AUERBACH, 1996; 2007).

Para Auerbach, é no longo processo de secularização que a representação literariamente séria, da realidade, chega cada vez mais perto do populacho, sempre imbuído de historicidade e de sentimentos vulgares, de onde se traçou a trama da *criaturidade*, primeiro entre as classes médias burguesas, nas obras de Balzac e Flaubert, para depois chegar aos cortiços e as vilas de mineiros de carvão de Zola (AUERBACH, 1996).

Neste grande contexto, podemos intuir sobre a complexidade disciplinar parcialmente responsável pela produção do que se costuma chamar de Pensamento Social Brasileiro, na virada do século XIX, que se constituiu pela importação de termos e estilos das belas letras europeias pela cultura nacional, especialmente da cultura francesa, da qual eram tão embebidos os escritores brasileiros. Isto talvez explique a produção deste período ser tão incompreendida por grande parte dos sociólogos e críticos literários contemporâneos, que incapazes de digerir o caráter híbrido de literatura, sociologia e biologia daquelas “belas letras” passam a tomá-las como proto-sociologia ou estigmatizadas como “ensaísmo” destituído de valor científico.

Os Sertões de Euclides da Cunha constitui um dos mais belos exemplos deste caso. Euclides fez uso de forma requintada e cuidadosamente estilizada em sua obra, tomando extremo cuidado no trato com a língua portuguesa, no “escrever bem”, descrevendo com sensibilidade e profundidade ímpar uma das grandes tragédias sociais de seu tempo - Canudos, ao mesmo tempo em que mesclou, à escrita estilizada, grande preocupação com problemas sociológicos do fenômeno, e fez um uso crítico de terminologias científicas advindas da antropologia, geologia e da biologia evolucionista em voga à época.

De acordo com Berthold Zilly, a escrita de *Os Sertões* não se trata de:

(...) uma ficção científica, naturalmente, mas uma ficção histórica, com alternância entre ciência literaturizada e literatura com rigor científico. Entenda-se por ciência toda procura, combinação e apresentação sistemática e metódica de conhecimentos, inclusive nas ciências sociais. A literaturização abandona ou atenua a sistematização, o rigor metodológico, a verificabilidade, para dar vazão à subjetividade e à fantasia, ambas contidas e controladas, porém, pela busca ansiosa, quase fanática da verdade (ZILLY, 2002, p. 195).

A obra de Euclides como outras grandes obras das “belas-letras”, pode oferecer muito mais do que foi originalmente proposto por seu autor, e *Os Sertões* nos oferece mais do que cenas bem descritas sobre a Guerra de Canudos ou um detalhado quadro do pensamento racial da época. Euclides nos apresenta os tipos raciais que concorriam no pensamento social brasileiro, ao título de “homem brasileiro”, ao mesmo tempo em que sua obra máxima nos oferta, em cores fortes e vibrantes, os traços de um período onde a ideia de nação brasileira, independente da nobreza lusitana, era delineada.

As perspectivas elaboradas por Euclides sobre o Brasil e o povo brasileiro não se limitaram à sua obra, tendo reverberado entre outros autores, muitos seus

contemporâneos, outros posteriores. Destaco aqui a presença de Euclides na primeira fase da obra de Monteiro Lobato, em especial os artigos e contos publicados nas coletâneas *Urupês* e *Cidades Mortas*, onde os termos de *Os Sertões* são introduzidos e mesmo que resinificados, na construção de um dos mais enigmáticos e controversos modelos de tipo nacional, o Jeca Tatu.

Mas, antes de tratar das possíveis interações literário-científicas em torno da definição do tipo humano nacional, conforme esboçado acima, alguns pontos presentes em *Os Sertões* devem ser apresentados e interpretados dentro das pretensões e do projeto de Euclides para a obra, conforme pretendo demonstrar no próximo tópico.

3 EUCLIDES DA CUNHA: RAÇA, CLIMA E HISTÓRIA EM OS SERTÕES.

Contrariando a opinião comum de que, a escrita de *Os Sertões* estaria plenamente afinada com os dogmas racialistas dominantes em sua época, é preciso atentar para os esforços de Euclides da Cunha em demonstrar, já no início do segundo capítulo de seu livro, o que considerava ser um erro comum entre os etnólogos seus contemporâneos: o uso inadequado das teorias biológicas da miscigenação. Segundo Euclides, os cálculos sobre miscigenação feitos pelos etnógrafos seus contemporâneos se baseavam na simples soma dos caracteres étnicos envolvidos nos cruzamentos, cujo resultado, supunham, poderia levar a previsão do tipo racial que se perpetuaria como elemento étnico nacional. Para Euclides, a maioria dos etnógrafos supervalorizava a capacidade de influência do fator racial e vulgarizam as teorias sobre miscigenação. A crítica de Euclides em relação à vulgarização das teorias sobre a miscigenação era tão enfática que o autor chegou a afirmar que estas “foram entre nós levadas ao exaggero, determinando a irrupção de uma meia-ciencia diffundida num extravagar de phantasias, sobre ousadas, estéreis”², fazendo com que a etnologia no Brasil se transformasse em uma ciência que, sem maiores cuidados metodológicos, levara os etnólogos a fundir “as três raças consoante os caprichos que os impellem no momento. E fazem repontar desta meta-chimica sonhadora precipitados fictícios” (CUNHA, 1905, p. 69-70) [1902].

² Todas as citações reproduzidas aqui manterão a ortografia original de suas fontes.

Segundo Euclides, para parte relevante dos etnógrafos de sua época o meio físico era desdenhado, e tratado como fator secundário para o prevaecimento de uma raça, o que lhes possibilitava poder apostar na extinção do “selvícola”, e no decréscimo da influência racial do negro na formação da raça brasileira após a abolição, de forma a prever a vitória do branco pela diluição do aborígene no caboclo, e do negro no mulato, enquanto outros davam “maiores largas aos devaneios”, supervalorizando a influência do nativo americano no processo de definição da raça brasileira, “devaneios a que nem faltam a metrificação e as rimas, porque invadem a sciencia na vibração dos versos de Gonçalves Dias”. Segundo Euclides, havia ainda os que apostavam na “influencia do africano, capaz, com effeito, de reagir em muitos pontos contra a absorpção da raça superior. Surge o mulato. Proclamam-no mais característico typo da nossa subcategoria ethnica” (CUNHA, 1905, p. 69-70) [1902].

Diante das críticas de Euclides às teorias raciais produzidas pelos etnógrafos, é importante salientar que o autor não acreditava que a miscigenação racial brasileira caminhava num processo de evolução racial em direção ao branqueamento da população, e não defendia que o cruzamento levaria a constituição de uma única raça nacional. Ao contrário, parecia mais propenso a crer que a raça, no Brasil multiclímático, corporificar-se-ia em várias sub-raças, de acordo com o resultado da contraposição de variantes climáticas, somadas às condições históricas e às “dosagens sanguíneas” díspares.

Isso não significa, contudo, que Euclides desconsiderava a questão racial, muito menos a miscigenação como questão de relevância na constituição da nação. Longe disso, considerava as três raças fundadoras: a indígena, que supunha ser tipo autóctone, o *homo americanus*, transformado pelo clima e pelo cruzamento com raças invasoras do Norte do continente; a negra, “bantí ou cafre”, raças que teriam sido selecionadas pelo ambiente bárbaro onde a seleção natural “premia os ferozes e fortes” e o branco, elemento “aristocrático” formador da base racial no Brasil - “o portuguez, que nos liga á vibratil estructura intellectual do celta”, elementos de relevância extrema, dada sua capacidade de aclimação e de desenvolvimento tecnológico, só não achava que a simples soma dos cruzamentos desses elementos raciais fosse o fator responsável pela formação de subcategorias raciais.

Mas, o que não há no modelo euclidiano é espaço para afirmar que o processo de seleção e evolução dos seres humanos, via entrecruzamentos raciais,

poderia ser previsto pela simples soma de raças. Euclides da Cunha defendia que os cálculos sobre miscigenação constituíam “fórmula intrincada”, que deveriam considerar além dos cruzamentos, questões geográficas e de adaptação climáticas, bem como variáveis históricas.

É por pensar assim, que Euclides gasta longas páginas tratando da multiplicidade de climas do sertão, de acordo com latitudes, altitudes e fatores geológicos; também faz uma minuciosa descrição da história, da colonização da região, com a especificidade de sua organização econômica e social, e dos diversos grupos raciais que, num processo sócio histórico complexo, contribuíram, com graus distintos, para o povoamento dos sertões.

Mas, não se pode negar que para Euclides da Cunha, a miscigenação era entendida como um mal terrível, independente das raças envolvidas, e “o mestiço, - mulato, mamaluco ou cafuz - menos que um intermediário, é um decahido, sem a energia *physica* dos ascendentes selvagens, sem a altitude intellectual dos ascendentes superiores” (CUNHA, 1905, p. 108-109) [1902]. No entanto, a crença na inferioridade do mestiço não nos autoriza a pensar que, no esquema euclidiano, houve para a raça branca, ou para o branco mestiçado com o índio, maiores chances de se estabelecer, como tipo humano nacional, uma vez que o processo de aclimatação, além de consistir desafio para adaptação do homem branco aos trópicos, era entendido como termo modificador, ou antes, deteriorador da raça branca.

Euclides acreditava que o clima era um dos fatores preponderantes na formação e estabelecimento das raças, sendo capaz de impossibilitar à formação de um tipo antropológico brasileiro, dada a diversidade climática do Brasil, do litoral para o interior da zona tropical (sertão), por exemplo, “O contraste é empolgante. Distantes menos de cinquenta léguas, se apresentam regiões de todo opostas, creando opostas condições á vida” (CUNHA, 1905, p. 72) [1902].

Segundo Glauca Villas Bôas (1998), a oposição entre o litoral e o sertão em Euclides é ainda mais profunda, indo além do recorte espacial e climático para marcar-se numa concepção temporal, elaborada no conservadorismo romântico de Euclides, onde o sertão aparece como lugar recuado três séculos no passado, um santuário onde o sertanejo retrógrado pode exercitar suas potencialidades, e de onde poderia nascer as bases de uma raça verdadeiramente nacional, em um território verdadeiramente constituidor do nacional, ao contrário do litoral

modernizado artificialmente por uma “civilização de empréstimo”, lugar onde as constantes ondas migratórias vindas da Europa impediam a estabilização e a configuração de uma raça nacional estável, ou de um território físico e cultural especificamente brasileiro (BÔAS, 1998).

Leitura similar é realizada por Berthold Zilly em “Sertão e nacionalidade: formação étnica e civilizatória do Brasil segundo Euclides da Cunha” (1999), onde o autor considera que para Euclides da Cunha um foco de nacionalidade, ou de raça nacional, haveria se formado nos sertões:

Algo misto, derivado, secundário se teria transformado, ao longo de 300 anos de reclusão e abandono nos fundões do sertão, em algo puro, fundamental, original. O produto final de longa miscigenação se torna algo primordial, como diversas pedras se fundem durante a geohistória numa rocha viva, matéria elementar e sólida, que se presta a ser fundamento de casas ou material de construção. O sertão aparece como cadinho das raças, viveiro de um tipo genuinamente brasileiro, possível matriz da nação, cujo futuro é sugerido que virá talvez do interior (ZILLY, 1999, p. 23).

De acordo com Euclides o “movimento histórico”, em suas variáveis econômicas e sociais, exerceu força decisiva na formação racial no Brasil, uma vez que a organização econômica fez concentrar um ou outro tipo étnico em cada zona de produção econômica, em última instância determinada pelo clima.

Essa variável histórica e econômica foi a grande responsável pela distinção de cruzamentos entre os homens do sertão e os litorâneos, de forma a diferenciá-los formando dois tipos humanos distintos, “em ambos como denominador commum o elemento branco, o mulato erige-se como resultado principal do ultimo e o curiboca do primeiro” (CUNHA, 1905, p. 940-91) [1902]. A importância histórica e sociológica na formação dos tipos humanos aparece mais uma vez quando Euclides afirma que o isolamento geográfico do sertão somado a atividade restrita à criação de gado, atividade econômica que nunca encheu os olhos da metrópole, possibilitou ao sertanejo desenvolver-se livremente, de acordo com o estágio civilizacional próprio a sua sub-raça, o que possibilitou que o sertanejo se estabelecesse como raça forte e estável:

Raça forte e antiga, de caracteres definidos e imutaveis mesmo nas maiores crises — quando a roupa de couro do vaqueiro se faz a armadura flexivel do jagunço — oriunda de elementos convergentes de todos os pontos, porém diversa das demais deste paiz, ella é innegavelmente expressivo exemplo de quanto importam as reacções do meio (CUNHA, 1905, p. 99-100) [1902].

Assim, graças ao isolamento deu-se a formação do sertanejo como raça forte e de caracteres estáveis, e apesar de considerar a miscigenação como algo

geralmente prejudicial, e a “mestiçagem extremada um retrocesso”, Euclides considerou o sertanejo como um caso à parte, produto de cruzamento uniforme, preservado de elementos raciais estranhos “Emquanto mil causas perturbadoras complicavam a mestiçagem no littoral agitado pelas imigrações e pela guerra; (...) — alli, a população indígena (...) persistiu dominante” (CUNHA, 1905, p. 104) [1902]. A história também ofereceu a possibilidade sociológica de o sertanejo evoluir de acordo com sua própria civilização, ou com o ritmo civilizatório de seu estágio evolutivo, de forma a escapar da regra geral da degenerescência do mestiço, pois parte relevante da instabilidade racial do mestiço está ligada a sua inadequação ao modo civilizado de vida, alcançado pela raça superior que, pela superioridade civilizacional combate a raça mais fraca, a derrota e a esmaga. No esquema euclidiano o contato com a civilização avançada suprime no mestiço que só pode se desenvolver plenamente na cultura rústica do vaqueiro (BÔAS, 1998) onde escapa da condição de degenerado para oferecer um modelo de homem nacional para o Brasil, ao menos para a zona francamente tropical.

4 AS TAPERAS DE LOBATO E A SOCIOLOGIA DE EUCLIDES

A obra *Os Sertões* teve grande repercussão já quando de suas primeiras edições, sendo o estilo literário e os temas levantados por Euclides determinantes na constituição da obra de diversos autores brasileiros que escreveram nas décadas seguintes. Foi o que se deu com Monteiro Lobato, criador do caboclo como do tipo literário personificado no *Jeca Tatu*, personagem cuja popularidade se emparelha com a do sertanejo de Euclides da Cunha.

Lobato nunca negou seu fascínio por Euclides e já em 1907 escreveu a seu amigo Godofredo Rangel da cidade de Areias contando, entusiasmado, ter se hospedado no mesmo quarto de pensão onde havia dormido Euclides. Essa experiência marcou as impressões de Monteiro Lobato sobre a pequena cidade, ao ponto de Lobato afirmar: “Areias, Rangel! Isto dá um livro a Euclides” (LOBATO, 1972, p. 93) [1944].

Anos mais tarde, Monteiro Lobato escreveu o artigo “*Euclides, um gênio americano*”, onde materializa sua admiração por Euclides e o compara a gênios literários universais:

Gênios como Euclides não merecem fins de vida sórdidos. São explosões da Natureza- e devem acabar em explosões. Fiquem para nós outros, “mede-palmos”, a “aposentadoria” com seus reumatismos, seus pigarros,

sua imbecilidade caquética. O premio de Nietzsche foi à loucura. O premio de Shelley foi o afogamento. Num mundo mais mecanizado, como o nosso, está muito bem que o premio de Euclides haja sido uma bala de parabelum no peito (LOBATO, 1968: 255) [1933].

Mais do que simples admiração, ou elogios por escrito, inquietações estilísticas de Monteiro Lobato de 1907 até 1917 dão impressão quase palpável de que seu objetivo era mesmo escrever “um livro a Euclides”. O próprio “tipo humano-literário”, elaborado por Lobato, o Jeca, parece ter sido formado sobre os constructos simbólicos que Euclides havia cunhado para seu tipo, o sertanejo. Tais impressões se tornam explícitas se tomarmos a descrição que Monteiro Lobato faz de seu caboclo, e a sobrepormos à certas passagens de *Os Sertões*, o que se dá especialmente no trecho onde Euclides define o homem do sertão, e diz do sertanejo:

Avança celeremente, num bambolear característico, de que parecem ser o traço geométrico os meandros das trilhas sertanejas. E se na marcha estaca pelo motivo mais vulgar, para enrolar um cigarro, bater o isqueiro ou travar ligeira conversa com um amigo, cai logo — cai é o termo — de cocaras, atravessando largo tempo numa posição de equilíbrio instável, em que todo o seu corpo fica suspenso pelos dedos grandes dos pés, sentado sobre os calcanhares, com uma simplicidade a um tempo ridícula e adorável (CUNHA, 1905, p. 114-115) [1902].

É exatamente o constante estar de cócoras do sertanejo que Lobato usa para definir a condição de seu caipira. As alusões ao tipo humano criado pelo autor, como um ser de cócoras são quase citações diretas da obra de Euclides, e as descrições sobre os dois tipos chegam quase a fundir-se quando Lobato afirma que o caboclo:

Para comer, negociar uma barganha, ingerir um café, tostar um cabo de foice, faze-lo noutra posição será desastre infalível. Ha de ser de cocoras. Nos mercados, para onde leva a quitanda domingueira, é de cocoras, como um faquir do Bramaputra, que vigia os cachinhos de brejaúva ou o feixe de tres palmitos (LOBATO, 1951: 244-245) [1918].

Mas as semelhanças acabam por aqui, e as diferenças começam a aparecer quando da transformação do sertanejo de potência latente à potência em ação, fenômeno que não ocorre com o caboclo. Outra diferença marcante é que, enquanto o sertanejo é um tipo literário trágico em seu sacrifício heroico, o caipira vivencia passivamente, a tragicidade no destino de miséria e sofrimento que se abate sobre ele.

Enquanto a letargia do sertanejo faz parte da adaptação de sua raça ao clima (apatia aparente como quem quer poupar das poucas energias para os momentos mais drásticos, sendo as ações calculadas para a maximização de sua potência, marcadas na raça pela adaptação ao clima), a letargia do Jeca Tatu é uma

constante, e “*O caboclo é uma quantidade negativa*” (1951) [1918] que permanece de cócoras, haja o que houver, entregue à modorra e à tragédia do que Lobato chama de “tapera”, mal causado por variáveis mais sociológicas do que por variáveis biológicas raciais ou de adaptação ao clima.

O termo tapera aparece como termo explicativo e contextualizador em alguns dos contos que compõe o livro *Urupês*, de Lobato, dentre os quais destaco *A Colcha de Retalhos* (1918) onde Monteiro Lobato apresenta o processo de desestruturação da família Alvorada, que tendo deixado a mudando-se para um sítio no Vale do Paraíba. Ao contrário do artigo *Urupês* onde se aponta como causa da modorra, a obediência à lei do menor esforço, somada às benesses da terra farta, e do artigo *Velha Praga* que apresenta o caboclo como causa de sua própria desgraça, *A Colcha de Retalhos* traz como explicação para a apatia caipira, a desestruturação de uma família que se torna uma “quantidade negativa”, devido às condições socioeconômicas, responsáveis por transformar a vida em “tapera”. A família Alvorada, descrita no conto, é composta por um casal, a filha apelidada de Pingo d’Água, de 14 anos e a avó paterna da menina. Lobato enfatiza que “os Alvoradas não são caipiras. Quando comprou a situação dos periquitos, o velho vinha da cidade; lembro-me até que entrava em sua casa um jornal” (LOBATO, 1951, p. 89) [1918]. A vida da família vai bem até que o tônus vital do pai é consumido na luta contra a terra improdutiva; pela falta de filhos homens para ajudar na lavoura e pela condição decadente da economia do Vale do Paraíba. Lentamente a desestruturação cai sobre a família. A mulher do Alvorada adoece e morre, Pingo d’água “foge” com um rapaz da vila, a velha fica inconformada com a “traição” da neta, e o filho resolve se desfazer do sítio e voltar para a cidade. Tudo isso é definido por Lobato como tapera, e quando seu eu poético narra as impressões sobre a tragédia que se abateu sobre aquelas pessoas, ele faz analogia com a condição física da tapera manifesta na casa:

O velho pomar, roído de formiga, morrera de inanição; na ânsia de sobreviver, três ou quatro laranjeiras macilentas, furadas de broca e sopesando o polvo retrançado da erva- de- passarinho, ainda abrolhavam rebentos cheios de compridos acúleos. Fora disso, mamoeiros, a silvestre goiaba e arazás, promiscuamente com o mato invasor que só respeitava o terreirinho batido, fronteiro á casa. *Tapera quasi e, enluradas nela, o que é mais triste, almas humanas em tapera* (LOBATO, 1951, p. 89-90) [1918] [grifo meu].

O narrador prossegue descrevendo a velha dentro da casa, “aquele ermo onde tudo era passado - a terra, as laranjeiras, a casa, as vidas, salvo - tremulo

espectro sobrevivente como a *alma da tapera* - a triste velhinha encanecida, cujos olhos poucas lágrimas estilavam, tantas chorara” (LOBATO, 1951, p. 94-95) [1918].

A “tapera” é central em Lobato como termo explicativo da condição humana em interação com o *meio*, mas o termo foi tomado de Euclides da Cunha que o usa por diversas vezes para definir a relação do arraial de Canudos e dos que nele viviam. Já em sua primeira aparição em *Os Sertões*, o termo surge prenhe de significados e, segundo Euclides, a constituição física do arraial de Canudos, chamado tapera, parecia “stereographar” a estrutura moral de seus habitantes e, mais que isso, era a “objectivação” da insânia dos seguidores do Conselheiro:

O arraial crescia vertiginosamente, coalhando as collinas.

A edificação rudimentar permittia á multidão sem lares fazer até doze casas por dia; e, á medida que se formava, a *tapera colossal parecia stereographar a feição moral da sociedade alli acoutada. Era a objectivação daquella insania immensa.*

Documento inilludível permittindo o corpo de delicto directo sobre os desmandos de um povo (CUNHA, 1905, p. 184) [1918] [grifo meu].

Euclides detalha cuidadosamente a superposição de elementos do *meio* sob a forma da tapera à *condição humana*, que no caso de *Os Sertões* é, no fundo, racial, no sentido mais complexo do termo.

Se as edificações em suas modalidades evolutivas objectivam a personalidade humana, o casebre de tecto de argilla dos jagunços equiparado ao wigwan dos Pelles Vermelhas suggeria paralelo deplorável. O mesmo desconforto e, sobre tudo, a mesma pobreza repugnante, traduzindo de algum modo, mais do que a miséria do homem, a decrepitude da raça. Quando o olhar se accommodava á penumbra daquelles commodos apertados, lobrigava, invariavelmente, trastes raros e grosseiros: um banco tosco; dous ou três banquinhos com a fôrma de escabellos; egual numero de caixas de cedro, ou canastras; um girão pendido do tecto; e as redes. Eram toda a mobilia. Nem camas, nem mesas. Pendurados aos cantos, viam-se insignificantes accessorios: o bogó ou borracha, espécie de balde de couro para o transporte de água; pares de cassúas (jacas de cipó) e os aiós, bolça de caça, feita das fibras de caruá. No fundo do único quarto, um oratório tosco (CUNHA, 1905, p. 185) [grifo meu].

A tapera descrita por Euclides da Cunha é, em sua constituição física e em seu mobiliário, semelhante a tapera descrita por Lobato. Os santos toscos e mestiços que aparecem em *Os Sertões* são quase as mesmas divindades mestiças e Santo Antônio encardidos que aparecem na morada do Jeca, em *Urupês*, onde:

(...) ele e a “sarcopta” fêmea, esta com um filhote no útero, outro ao peito, outro de sete anos á orela da saia - este já de pitinho na boca e faca á cinta. Completam o rancho um cachorro sarnento – Brinquinho, a foice, a enxada, a pica-pau, o pilãozinho de sal, a panela de barro, um santo encardido, três galinhas pevas e um galo índio. Com estes simples ingredientes, o fazedor de sapezeiros perpetua a especie e a obra de esterilização iniciada com os remotíssimos avós. (LOBATO, 1951, p. 236) [1918].

O uso do termo “tapera” pelos dois autores, parece ainda remontar à técnica literária de *unidade de estilo* utilizada como técnica de descrição realista por Balzac, segundo Auerbach “A tese da ‘unidade de estilo’ do meio, na qual são também incluídos os seres humanos, não é fundamentada racionalmente, mas é apresentada como um estado de coisas imediatamente apreensíveis, de maneira puramente sugestiva, sem provas” (AUERBACH, 2009, p. 421). Nesse caso, o uso de elementos tais como, móveis, alimentação, vestuário e por fim, a casa, acaba por constituir os modelos humanos.

Tais considerações são importantes, para a compreensão do sentido do uso do termo “tapera”, como elemento explicativo e definidor da realidade representada, e é por isso que a “tapera” toma conta das coisas; em Euclides da Cunha, como condição racial dos sertanejos, “objetivação” da “feição moral” e da “decrepitude da raça” e, em Lobato como condição socioeconômica que “cai sobre as almas e as coisas” e toma os corpos de pessoas, mesmo as não caipiras, como aconteceu no caso dos “Alvoradas”.

5 A FORMAÇÃO DOS HERÓIS RACIAIS DA NAÇÃO

Se pudermos concordar com Zilly (1999), o resultado do dilema da raça nacional e da nacionalidade no esquema euclidiano resolveu-se por meio do recurso literário, quando o mestiço é elevado a condição de herói trágico, apesar de mestiçagem e de todos os signos de degenerescência que pudesse apresentar. Sendo assim é:

No decorrer da narrativa, [quando] a reabilitação do mestiço pela ciência cede lugar à sua elevação a herói e mito nacional, à sua transfiguração pela literatura, em cujo plano a origem multiétnica do povo e a mestiçagem definitivamente deixam de ser estigma para se converter em qualidade positiva da nação que se está formando (ZILLY, 1999, p. 30).

Gilberto Freyre (1944), já havia destacado tal ponto ao afirmar que o autor de *Os Sertões* reservou o papel heroico para personagens vulgares, anônimos e oriundos das classes sociais mais desprezadas, das raças mais difamadas, e que delas esculpiu figuras de grande tragédia. Segundo Freyre, em *Os Sertões*, Euclides:

Espera o instante de tensão heroica, o momento extremo de sacrifício ou de agonia, para surpreender no brasileiro anônimo, do sertanejo vulgar, até no caboclo desconhecido, “as linhas terrivelmente esculturais” em que a resistência ao sol, à coragem, à dor, à doença ou simplesmente a fome os alongue em figuras de grandes da Espanha. Exagera então os alongamentos, os ângulos os relevos (FREYRE, 1987, p. 22) [1944].

No tragicismo euclidiano, marcado sobre corpos frágeis, é extremamente impactante a descrição por ele feita sobre alguns dos sertanejos de Canudos, de imagens angulosas e sofríveis, tornadas sublimes, com da moça capturada pelo exército, “sertaneja alongada pela fome e dramatizada pela dor” onde, segundo Freyre, Euclides “delicia-se em destacar o perfil anguloso” de sofrimento sublime (FREYRE, 1987, p. 22) [1944].

Mas a figura máxima de tragicidade e nobreza aparece na execução de um negro, dos que lutavam pelo Bom Jesus, exemplo máximo de dignidade e tragédia moldado, em triste figura feita de carne, conforme demonstrou Gilberto Freyre ao afirmar que Euclides:

(...) de um negro, capanga de conselheiro, faz um mártir; e um mártir de proporções monumentais que, com música de ópera daria uma figura wagneriana. Coerente com a sua técnica, o seu método, o seu gosto de literatura escultural e de música dramática, espera que o preto desconhecido morra ao laço para o surpreender já “feito estátua”- símbolo de uma raça inteira e expressão de protesto contra quatro séculos de civilização escravocrata. Fixa então o preto em toda a glória de sua “plástica estupenda” (...) (FREYRE, 1987, p. 23) [1944].

Freyre destaca uma passagem onde Euclides faz de um dos poucos negros de Canudos, o herói numa das cenas mais sublimes de *Os Sertões*, talvez uma das mais sublimes da literatura brasileira, quando antecedendo a glória, o herói é exposto a uma condição de máximo rebaixamento social, feito prisioneiro, desprezado e animalizado pelo exército, para depois transfigurá-lo em herói, que desafiando a morte e corporificando a força moral de uma raça explorada que se vingava em uma escultura titânica de tragicidade, inegavelmente, ímpar:

E viram transmutar-se o infeliz, apenas dados os primeiros passos para o supplicio. Daquelle arcabouço esmirrado e repugnante, mal equilibrado sobre as longas pernas murchas, despontaram, repentinamente, linhas admiráveis — terrivelmente esculpturadas — de uma plástica estupenda. Um primor de estatuaria modelado em lama. Reçtificara-se de súbito a envergadura abatida do negro apurando-se, vertical e rígida, numa bella attitude singularmente altiva. A cabeça firmou-se sobre os ombros, que se retrahiram dilatando o peito, alçada num gesto desafiador de sobrançeria fidalga, e o olhar, num lampejo varonil, iluminou-lhe a fronte. Seguiu impassível e firme; mudo, a face immovevel, a musculatura gasta duramente em relevo sobre os ossos, num desempenho impecavel, feito uma estatua, uma velha estatua de titan, soterrada havia quatro, séculos e afflorando, denegrada e mutilada, naquella immensa ruinação de Canudos. Era um inversão de papeis. Uma antinomia vergonhosa (CUNHA, 1905, p. 564-565) [1902].

Do homem da mais baixa estatura social da raça menos prestigiada, Euclides destila o elemento mais nobre e mais puro em suas intenções, e portador de uma nobreza tamanha que seus algozes civilizados, brancos e representantes da

República são rebaixados à barbárie e carnificina da vitória indigna e desleal sobre Canudos.

Nestas passagens, mais uma vez as notas tocadas por Euclides ressoam em Lobato, já que nesse segundo autor algumas de suas personagens da mais baixa extração social também são postas em grau de intensa tragicidade. Em Lobato, dentre vários casos, destaco a personagem Inácia do conto *Bucólica*, mulher definida como “preta agregada aos Suãs”. A história trata da família Suã, composta por “Pedro Suã”, Maria Véva, e pela filha do casal Anica, criança de saúde debilitada que é objeto de devoção de Inácia e motivo pelo qual a mulher vive agregada aos caboclos. Ao vê-la deixando a casa dos Suãs com uma trouxa de roupas, o eu-poético de Lobato indaga:

_ Que coisa houve?
 _ Não sabe que morreu a aleijadilha? Pois é, morreu. Morreu a pobre, só porque ontem esta sua negra foi no bairro do Liborio e a chuva me prendeu lá. Se eu pudesse adivinhar...
 _ Mas de que morreu criatura?
 _ Sabe do que morreu? Morreu... de sede! Morreu, sim, eu juro, um raio me parta pelo meio se a coitadinha não morreu...
 Aqui soluços de choro cortaram-lhe a voz.
 _... de seeeede! Meu Deus do céu, o que a gente não vê neste mundo

(...)

Enxugou as lagrimas na manga.

_Agora vou no Liborio. Se ele me quiser, fico. Se não, sou bem capaz de me pinchar nesse rio. Este mundo não paga a pena... (LOBATO, 1951, p. 164 - 165) [1918].

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a primeira metade do século XX sertanejos e caipiras figuraram entre os tipos raciais que disputavam a primazia de raça brasileira. Mas a existência destes tipos não foi pautada exclusivamente na sua existência empírica, sendo antes, produto de construções literárias, o que não significa dizer que esses tipos literários são meras vulgarizações ou estereótipos marcados com as cores fortes do preconceito racial, tratando-se, ao invés disso, de constructos simbólicos complexos, fortemente fundamentados em concepções artísticas, científicas e ideológicas de sua época, sendo sua aparência incongruente ocasionada pelo deslocamento dos termos de seu sistema simbólico historicamente determinado, e pela ideologia da nacionalidade.

REFERÊNCIAS

AUERBACH, Erich. **Ensaio de Literatura Ocidental**. São Paulo: Duas Cidades/ Editora 34, 2007.

AUERBACH, Erich. **Mimeses**: a representação da realidade na literatura ocidental. São Paulo: Perspectiva, 2009.

BOAS, Gláucia Villas. **Iluminista e romântico**: o tempo passado em Os sertões de Euclides da Cunha. Hist. cienc. Saúde-Manguinhos [online]. 1998, vol.5, pp.149-161.

CASSIRER, Ernest. **O Mito do Estado**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

CUNHA, Euclides. **Os Sertões**: Campanha de Canudos. Rio de Janeiro- São Paulo: Laemmert & C. 1905.

FREYRE, Gilberto de Mello. **Perfil de Euclides e outros perfis**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1987.

LEPENIES, Wolf. **As Três Culturas**. São Paulo: Edusp, 1996.

LOBATO, Monteiro. **A Barca de Gleyre**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1972. [1944].

LOBATO, Monteiro. **Na Antevéspera**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1968. [1933].

LOBATO, Monteiro. **Urupês**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1951. [1918].

POLIAKOV, Leon. **O mito ariano**: ensaio sobre as fontes do racismo e dos nacionalismos. São Paulo: Perspectiva, 1974.

SCHWARCZ, Lília Moritz. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930). São Paulo: Companhia das letras, 1995.

SKIDMORE, Thomas E. **Preto no branco**: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1976.

ZILLY, Berthold. **A história encenada em Os Sertões de Euclides da Cunha**. Sala Preta, v. 2, nov. 2002, p. 193-205.

ZILLY, Berthold, **Sertão e nacionalidade**: formação étnica e civilizatória do Brasil segundo Euclides da Cunha. Estudos Sociedade e Agricultura, 12, 1999.